

CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA
TUTTO FELLINI!
A Cinemateca com a 13ª Festa do Cinema Italiano
20 de novembro de 2020

LA VOCE DELLA LUNA / 1989 (*A Voz da Lua*)

um filme de Federico Fellini

Realização: Federico Fellini / **Argumento:** Federico Fellini, Tullio Pinelli e Ermanno Cavazzoni, inspirado no romance *II Poema dei Lunatici* de Cavazzoni / **Direcção de Fotografia:** Tonino Delli Colli / **Música:** Nicola Piovani / **Montagem:** Nino Baragli e Lillo Capoano, assistidos por Mario Mearrelli / **Direcção Artística:** Dante Ferretti / **Guarda-Roupa:** Maurizio Millenotti, assistido por Alfonsina Lettieri e Carlo Poffioli / **Som:** Tommaso Quattrini / **Interpretação:** Roberto Benigni (Ivo Salvini), Paolo Villaggio (Gonnella), Marisa Tomasi (Marisa, a "locomotiva"), Nadia Ottaviani (Aldina Ferruzzi), Angelo Orlando (Nestore), Dario Ghirardi (o jornalista), Dominique Chevalier (o primeiro irmão Micheluzzi), Nigel Harris (o segundo irmão Micheluzzi), Vito (o terceiro irmão Micheluzzi), Uta Schmidt (a avó de Ivo), George Taylor (o pretendente de Marisa), Susy Blady (Susy), Giordano Falzoni (o professor), Ferruccio Brembrilla (o médico), etc.

Produção: Cinémax-Films A2-La Sept (Paris); C.G. Group Tiger Cinematografica-RAI Uno (Roma) / **Produtores:** Mario e Vittorio Cecchi Gori / **Produtores Executivos:** Bruno Altissimi e Cláudio Saraceni / **Cópia:** DCP, cores, legendada em português, 120 minutos / **Estreia Mundial:** Roma, Janeiro de 1990 / **Estreia em Portugal:** Amoreiras e Quarteto, a 4 de Outubro de 1991.

La Voce della Luna ficou como o último filme realizado por Federico Fellini. A recepção crítica não foi das melhores, e mesmo os "fellinianos" mais convictos não evitam um certo tom de condescendência na sua apreciação deste filme. Mas como Fellini não teve hipótese de realizar mais nenhum filme **La Voce della Luna** viu-se encarregado da ingrata tarefa de "representar" o testamento cinematográfico do realizador. E se não é, nem de longe nem de perto, um dos melhores Fellinis, até consegue cumprir cabalmente esse papel de "testamento". Ou seja, é possível ver nele uma espécie de resumo, ou de balanço, das ideias que enformaram o olhar de Fellini sobre o cinema e sobre o mundo. Deste ponto de vista, é um filme absolutamente genuíno de um cineasta que mesmo nos seus filmes menos conseguidos nunca soube o que era a "falsidade".

Há vários paradoxos em Fellini, na sua obra e na sua relação com ela. Um deles é a sua trajetória, e a sua passagem quase sem ruptura do "caldo" neo-realista em que se formou para um onirismo extremamente pessoal e para uma concepção "deformada" da realidade, cheia de características recorrentes que contribuíram para que o adjectivo "felliniano" ganhasse um sentido preciso e fosse tudo menos uma palavra vazia. Ao mesmo tempo, esse adjectivo é também um instrumento de "defesa" inventado para combater o desconcerto provocado pelo universo de Fellini, para combater a dificuldade em encontrar "pontos de referência" sólidos e concretos num mundo derivado em linha recta da mente de uma pessoa

e do qual só o próprio Fellini possuía certamente a "chave" absoluta. Com a progressiva acentuação desses traços característicos do cinema e da personalidade do cineasta, com todo o hermetismo que sempre lhe esteve subjacente - a mescla entre pormenores autobiográficos e outros oriundos do mais puro devaneio imaginativo foi sendo cada vez mais difícil encontrar sinais imediatamente "reconhecíveis" e relacionáveis com uma realidade concreta. Algures entre **La Dolce Vita** e **Otto e Mezzo** essa "realidade concreta" deixou de contar para Fellini, apagando-se em função do domínio concedido a uma realidade de outra ordem, a uma realidade, se quisermos, puramente... "felliniana". E aqui que há um certo paradoxo: a evolução da obra do cineasta não é comparável à de outros, que foram caminhando rumo a uma depuração que passava, nalguns casos, pelo isolamento de meia-dúzia de traços essenciais. Em Fellini sucedeu o contrário e a ideia de "depuração" não pode ser separada da ideia de "acumulação": despojado foi Fellini nos seus primeiros filmes, não nos últimos. Pelo contrário, o seu percurso baliza-se em torno do progressivo "exagero" e da constante *acentuação* das suas características básicas. Como se houvesse uma profunda "*malaise*" na sua raiz que cada filme, em vez de apaziguar, contribuísse para alimentar.

La Voce della Luna parece ser, como pelo menos todos os últimos filmes de Fellini, o filme de um homem triste, desencantado com mundo que o rodeia e refugiado no seu próprio universo interior como se fosse uma espécie de bálsamo. Pode-se ter a sensação de que Fellini se repete. Em parte, em grande parte, isso é verdade: entre muitas outras coisas lamenta o desaparecimento de um mundo "onde todos éramos mais felizes", introduz personagens que se diria terem saído de filmes anteriores, ataca a televisão - a "bête noire" dos últimos anos da sua vida - e (premonitoriamente?) a figura de Silvio Berlusconi. Mas ao mesmo tempo, há talvez uma questão de "tom" que difere dos filmes anteriores: se **La Voce della Luna** é um filme triste, a raiva cedeu o lugar a uma muito maior serenidade. Fellini está cansado e as últimas palavras do seu último filme deixam uma espécie de conselho: "se todos fizéssemos um pouco de silêncio, certamente havíamos de ouvir alguma coisa".

Luís Miguel Oliveira